

Lazer e mercado do entretenimento em uma cidade rural de Minas Gerais

Leisure and entertainment industry in a little rural city of Minas Gerais

*Daniel Venâncio de Oliveira Amaral**

*Cleber Dias***

RESUMO: O desenvolvimento histórico de uma economia capitalista e seus subprodutos, tais como o lazer moderno, são usualmente associados com a urbanização e a industrialização. Todavia, esses fatores não parecem ter sido condições necessárias para transformações desse tipo em todas as partes. Regiões rurais também estiveram inseridas nesses processos, onde o desenvolvimento do setor agrário parece ter facilitado o surgimento de um mercado de entretenimento. A partir do estudo da cidade de Oliveira, em Minas Gerais, esse trabalho analisa o desenvolvimento do mercado de entretenimento na transição entre os séculos 19 e 20 em uma região rural do Brasil.

Palavras-chave: História. Lazer. Indústria cultural

ABSTRACT: The historical development of a capitalist economy and their sub products, such as the modern leisure are usually associate with urbanization and industrialization. However, these factors do not seem to have been necessary conditions for modernizing changes everywhere. Rural regions also could to be insert in these

* Doutorando em Estudos do Lazer (bolsista Capes) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em História pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Autor, entre outros trabalhos, de “Um festim obscuro”: pertencimento clubístico e expansão socioespacial do *foot-ball* em Oliveira, MG (1920-1930). *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 14, n. 1, p. 1- 19, jan.- jun. / 2017; História do futebol em Divinópolis, MG: cavalheirismo e integração regional (1916-1930). *FuLiA*, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 90-111, maio- ago. / 2017; Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237- 261, jul./dez. 2017. Contato: dvoamaral@gmail.com.

** Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Possui doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Autor de Esportes nos confins da civilização: Goiás e Mato Grosso, c. 1866-1936. Rio de Janeiro: 7 letras, 2018, entre outros trabalhos. Contato: cleberdiasufmg@gmail.com.

processes, where the development of rural sectors seems to have been facilitated the historical emergence of an entertainment market. Analyzing Oliveira, a little city in Minas Gerais state, Brazil, the article looks for the historical development of the entertainment market in a rural region.

Keywords: History. Leisure. Cultural industry.

1. Introdução

O desenvolvimento histórico de uma economia capitalista é usualmente associado com a urbanização e a industrialização. No mesmo sentido, em esfera social mais específica, o desenvolvimento do lazer também é frequentemente associado a esses processos. No final da década de 1960, o sociólogo francês Joffre Dumazedier, muito citado em pesquisas sobre o lazer, consagrou a compreensão de que formas contemporâneas peculiares de uso e ocupação do tempo livre eram produtos de uma “civilização urbana e industrial”.¹ Diversas pesquisas históricas sobre o lazer, direta ou indiretamente influenciadas por tais entendimentos, tenderam a reproduzir a noção de que a urbanização e a industrialização atuaram como agentes causais privilegiados para a conformação de uma nova forma de uso do tempo livre, dali em diante identificada como lazer.² Mas até que ponto a industrialização e a urbanização são os principais responsáveis por transformações históricas desse tipo?

Nas circunstâncias sociais predominantes no Brasil até os fins da primeira metade do século 20, no entanto, industrialização ou urbanização não parecem ter sido condições necessárias para as transformações modernizadoras tipicamente relacionadas à emergência histórica do lazer, quais sejam, uma separação mais nítida entre os tempos de trabalho e não trabalho, o aprofundamento das liberdades individuais como critério fundamental para escolhas do que fazer durante o tempo livre, ou ainda a generalização progressiva de mecanismos de comercialização das diversões. Nesse sentido, abordagens que enfatizam influências do ambiente urbano sobre o rural no processo de

¹ DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva / SESC, 1999, p. 26.

² Para uma síntese recente dessa historiografia, ver DIAS, Cleber. História e historiografia do lazer. *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-26, 2018.

transformações na organização social dos tempos e na fruição dos momentos de lazer, parecem muito mais o resultado de convicções ideológicas, ciosas por firmar a predominância da “civilização urbana e industrial” na determinação de inúmeros processos históricos. Em grande medida, porém, sobretudo em se tratando de contextos brasileiros anteriores à segunda metade do século 20, tudo isso poderia também ser visto como não mais que um conjunto de representações diligentemente edificadas por diversos setores das elites, que de fato se empenharam com afincamento na afirmação de imagens de um país moderno, urbano, civilizado e cosmopolita, ao mesmo tempo em que negaram, com certa vergonha e desprezo, imagens de um país rural e agrário.³ Não é adequado, porém, compreender transformações históricas do mundo rural como meros reflexos de transformações históricas do mundo urbano.

Tomando a cidade de Oliveira, no Oeste de Minas Gerais, como objeto de pesquisa, esse trabalho, concentrado no período de transição entre os séculos 19 e 20, apresenta uma análise sobre o desenvolvimento histórico do mercado de entretenimento em uma região rural do Brasil. Ser atendida por uma estrada de ferro, estar relativamente próxima de centros urbanos maiores, além de estar localizada em Minas Gerais, um dos estados mais populosos e economicamente dinâmicos do país no período, são todas circunstâncias que tornavam a vida social no estado mais ou menos atípicas em relação ao Brasil como um todo. Não por acaso, em 1922 e segundo dados oficiais do governo federal, Minas Gerais era um dos estados com maior oferta de casas de espetáculos por habitante: uma para cada 11 mil habitantes, aproximadamente (enquanto a média nacional era de cerca de uma para cada 21 mil habitantes).⁴ Mesmo com essas especificidades, porém, o estudo dessa situação pode ilustrar, em alguma medida pelo menos, parte da diversidade de situações que afetavam o desenvolvimento histórico do lazer no Brasil na transição entre os séculos 19 e 20, para além das excessivamente peculiares circunstâncias urbanas do Rio de Janeiro ou de São Paulo, usualmente mais bem exploradas pela historiografia brasileira da cultura. De maneira mais geral, parte dessa diversidade de circunstâncias sugere que pequenas cidades do interior do Brasil, a despeito de seu caráter rural e pouco urbanizado, poderiam também

³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870-1920*. São Paulo: Annablume, 1998.

⁴ DIAS, Cleber. A mercantilização do lazer no Brasil. *Livere*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 364-403, 2018.

estar inseridas em pequenos circuitos de comercialização do lazer. Em tais situações, o desenvolvimento econômico do setor agrário parece mesmo ter atuado como uma das principais condições de possibilidade para o surgimento de um mercado de entretenimento, conforme demonstraremos neste artigo.

A principal fonte desta pesquisa foi o jornal *Gazeta de Minas*, publicado em Oliveira e disponível no acervo digital do próprio editorial (<http://acervo.izap.com.br/>). Esta folha foi fundada inicialmente com o nome *Gazeta de Oliveira*, em setembro de 1887, pelo português Antônio Fernal, que ali se instalou no ano anterior, vindo de Formiga, também no interior de Minas Gerais, onde dirigiu antes o jornal *O Democrata*. Em 1899, aproximadamente cinco anos depois de ter adquirido uma máquina tipográfica americana movida a vapor e com capacidade de imprimir três mil exemplares por hora, a antiga *Gazeta de Oliveira*, “órgão literário, comercial, agrícola e noticioso”, já com periodicidade semanal e circulando sempre aos domingos, mudou seu nome para *Gazeta de Minas*. A mudança expressava claramente as novas ambições que cercavam o periódico. Daí em diante, tentando ampliar o espectro geográfico de sua circulação, a nova *Gazeta de Minas*, além de agentes e representantes instalados em pequenas cidades de Minas Gerais, como Passa Tempo, São João Batista, Japão, Carmo da Paranaíba e Dolores do Indaiá, passou a contar também com colaboradores instalados até em grandes centros urbanos do exterior, como Montevideo, Paris, Londres, Nova York e Cairo, segundo noticiava o próprio jornal. Logo o periódico passou a se declarar como o “jornal de maior formato e circulação do estado de Minas Gerais”,⁵ o que apesar de provavelmente exagerado, dado que desde antes já havia até jornais com circulação diária em Minas Gerais, expressava, assim mesmo, o novo horizonte de expectativas ao redor do periódico. Tanto pelas suas características quanto pela sua abundância, essas fontes, com mais de 1.500 edições disponíveis para o período que analisamos aqui, constituem ricos registros de diversos aspectos do cotidiano de Oliveira naquele período, incluindo iniciativas para a oferta comercial de diversões. Além disso, buscando contornar algumas lacunas e ampliar o escopo documental da pesquisa, consultamos também documentos oficiais, tais como censos demográficos ou recenseamentos agrícolas federais e estaduais, disponíveis no catálogo digital da Biblioteca do Ministério da Fazenda (<http://memoria.org.br/>).

⁵ *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jan. 1899, p.1.

2. *Lazer e mercado de diversões em Oliveira*

Em meados de maio de 1898, a imprensa de Oliveira anunciou a inauguração do Jockey Club Oliveirense, cujo programa de estreia seria uma disputa de três páreos.⁶ A organização do clube foi iniciativa de um tal José Miranda, conhecido em Oliveira como “o infatigável promotor das diversões”, dado sua participação no fomento de outras atividades lúdicas na cidade, tais como os festejos carnavalescos.⁷

Segundo os jornais da cidade, na corrida inaugural do Jockey Club Oliveirense, teria havido “um enorme concurso de povo”.⁸ Não parece ter havido cobrança de entradas, pois não existia na cidade um hipódromo cercado que limitasse o acesso ao evento apenas a pessoas que tivessem comprado ingressos. Ao invés disso, as corridas aconteceram na maior e principal praça da cidade (Largo do Cruzeiro). Não obstante tais limitações, o principal interesse comercial do organizador talvez não estivesse mesmo na cobrança de ingressos, mas sim na venda de bilhetes de apostas. Em várias partes do Brasil onde as corridas de cavalo se desenvolveram na transição entre os séculos 19 e 20, a venda de bilhetes de apostas foi uma importante característica da modalidade.⁹

Após o evento inaugural, três novas corridas foram organizadas no final daquele mesmo mês de maio. O número de páreos aumentou de três para quatro, o que também ampliava as oportunidades de apostas e das respectivas vendas de bilhetes.¹⁰ O início das atividades do Jockey Club Oliveirense pareceu promissor. No entanto, na medida em que o divertimento deixava de ser uma novidade, o número de páreos de cada corrida foi diminuindo, chegando a apenas dois nas corridas realizadas em junho daquele ano, que acabaram sendo as últimas.¹¹

As circunstâncias que cercavam José Miranda explicam em grande medida o fracasso do seu empreendimento. Ao invés de um ambiente urbano denso, com uma

⁶ *Gazeta de Oliveira*, 15 maio 1898, p. 1.

⁷ *Gazeta de Oliveira*, 17 abr. 1898, p. 1

⁸ *Gazeta de Oliveira*, 22 maio 1898, p. 1.

⁹ Cf. MELO, Victor de Andrade. *Cidadesportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000; GAMBETA, Wilson. *A bola rola: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol, 1895-1916*. São Paulo: SESI-SP editora, 2015; SOUZA, Eliza Salgado de. *Esportes em Manaus, 1880-1910*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

¹⁰ *Gazeta de Oliveira*, 29 maio 1898, p. 1.

¹¹ *Gazeta de Oliveira*, 12 jun. 1898, p. 1.

população volumosa e capaz de constituir um mercado consumidor quantitativamente grande, o que obviamente favoreceria à comercialização de diversões, José Miranda encontrava-se num contexto quase inteiramente rural, de baixa densidade demográfica e com uma economia aparentemente ainda pouco monetizada. Dez anos antes da inauguração do Jockey Club Oliveirense, período para o qual dispomos de informações mais gerais sobre a cidade, que já era sede e centro do município, Oliveira contava três praças, três igrejas, um cemitério público, uma casa de Câmara e Cadeia, mil casas e uma população de aproximadamente quatro mil moradores (contra pouco mais de 26 mil no município inteiro), distribuídos em vinte e duas ruas sem serviço de calçamento, arborização ou iluminação pública.¹² Nessa época, Oliveira apresentava um comércio ainda pequeno, constituído por 13 casas para venda de comida e bebida, quatro farmácias, três pensões e uma confeitaria.¹³ As principais atividades econômicas da cidade estavam concentradas no meio rural, tendo como carro chefe a exportação de gado para o Rio de Janeiro, além de toucinho e açúcar para municípios vizinhos.¹⁴ O cenário das primeiras corridas de cavalo organizadas por José Miranda não deve ter se alterado significativamente nesses dez anos.

Além disso, o fim da escravidão parece ter desorganizado a produção agrícola da cidade. Com quase 1/3 da sua população composta de escravos em 1872, em princípios da década de 1890, a cidade precisava importar gêneros básicos de alimentação.¹⁵ Cronistas de jornais da cidade falavam de um “desanimo cruel entre os lavradores”, em virtude da “falta de braços”, em diagnóstico idêntico àquele reproduzido por setores das elites de outras partes do Brasil.¹⁶ Em 1896, artigos de jornais lamentavam o aumento do custo de vida e o “estado decadente da lavoura”.¹⁷

¹² Os demais distritos que compunham o município de Oliveira no período e suas respectivas populações eram Japão, com 3.295 moradores, Passa Tempo, com 2.876 moradores, Cláudio, com 4.111 moradores, Santo Antônio do Amparo, com 6.266 moradores e São Francisco de Paula, com 5.449 moradores. Cf. *Gazeta de Oliveira*, 15 jan. 1888, p. 1.

¹³ *Gazeta de Oliveira*, 18 dez. 1887, p. 1; *Gazeta de Oliveira*, 21 out. 1888, p. 1; *Gazeta de Oliveira*, 1 abr. 1887, p. 4.

¹⁴ *Gazeta de Oliveira*, 5 fev. 1888, p. 1.

¹⁵ Para dados censitários relativos a 1872, ver Minas Gerais. *Anuário Estatístico*: ano I (1921), vol. II. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 20.

¹⁶ *Gazeta de Oliveira*, 29 jul. 1894, p. 1.

¹⁷ *Gazeta de Oliveira*, 22 nov. 1896, p. 2.

De maneira geral, apesar de todos os esforços políticos para ampliar o crédito e a circulação monetária no país nos anos iniciais da República, a economia brasileira viveu uma aguda crise ao longo de toda a década de 1890, especialmente na sua segunda metade, sofrendo as consequências da depreciação cambial, de uma quase paralisia de fluxos de investimentos externos de capital, além de uma acentuada redução dos preços do café, que já constituía um dos principais produtos da economia nacional.¹⁸ Apesar disso, a partir de 1890, depois da inauguração de uma estação ferroviária da Estrada de Ferro Oeste de Minas, Oliveira vivenciou um pequeno crescimento dos serviços urbanos. Dentre os novos estabelecimentos de comércio inaugurados após a conexão ferroviária, destacam-se o Hotel do Cruzeiro (1888), o Grande Hotel (1889), a Fábrica de Cervejas D'Oeste (1890), o Sanatório Oliveirense (1890), o Estabelecimento Hidroterápico (1890), a Destilação Central de Oliveira (1893), a Oficina de Relojoaria e Ourives (1894), a Fábrica de Manufatura de Móveis (1894), a Alfaiataria Silvio, Irmão e Lobato (1896) e o Atelier de Fotografia Artística (1897).¹⁹

O ramo da economia que provavelmente mais se beneficiou com a inauguração dos ramais ferroviários foi o de exportação de gado. A conexão entre a Estrada de Ferro Oeste de Minas e a Estrada de Ferro Central do Brasil, que partia do Rio de Janeiro, proporcionava uma ligação com o maior e principal mercado consumidor do país no período. A partir de 1890 a imprensa local passou a noticiar o movimento de embarque de boiadas na estação de Oliveira, sugerindo que o transporte por trem ocupava um lugar relativamente importante nesse mercado desde então.²⁰ Em julho de 1892, por exemplo, o movimento de gado exportado nos vagões da Estrada de Ferro Oeste de Minas somente naquele mês foi calculado em aproximadamente 3 mil cabeças.²¹ Neste cenário, um volume médio de aproximadamente trinta mil cabeças de gado anuais foi contabilizado entre 1892 e 1898.

¹⁸ FRANCO, Gustavo H. B.; LAGO, Luiz Aranha Corrêa do. O processo econômico. In: SCHWARCZ, Lília Moritz. *História do Brasil nação: a abertura para o mundo, 1889-1930*, v. 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 173-238; CALDEIRA, Jorge. *História da riqueza no Brasil: cinco séculos de pessoas, costumes e governos*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

¹⁹ *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 30 set. 1888, p. 4; *Gazeta de Oliveira*, 6 jan. 1889, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 2 nov. 1890, p.1; *Gazeta de Oliveira*, 8 out. 1893, p. 1; *Gazeta de Oliveira*, 19 out. 1890, p. 1; *Gazeta de Oliveira*, 9 mar. 1890, p. 4; *Gazeta de Oliveira*, 18 fev. 1894, p. 4; *Gazeta de Oliveira*, 5 ago. 1894, p. 3; *Gazeta de Oliveira*, 14 fev. 1896, p. 4; *Gazeta de Oliveira*, 21 fev. 1897, p. 3.

²⁰ Cf. *Gazeta de Oliveira*, 8 mai. 1892, p. 1; *Gazeta de Oliveira*, 24 abr. 1898, p. 1.

²¹ *Gazeta de Oliveira*, 17 jul. 1892, p. 1.

Mesmo a criação de gado, porém, sofreu um revés nos últimos anos do século 19, principalmente pela diminuição do consumo de carne no Rio de Janeiro, cujo volume comprado dos centros produtores declinou em aproximadamente 32% entre 1897 e 1900.²² Diante do quadro de instabilidade econômica, marcado por crise no setor agrícola e diminuição da exportação de gado de Oliveira, alguns dos estabelecimentos comerciais criados a partir de 1888 tiveram dificuldades de se manter ativos, seguindo onda de falências que afetou várias empresas brasileiras nos anos finais do século 19. O Hotel do Cruzeiro passou por dois novos donos antes de fechar definitivamente na virada do novo século.²³ A Fábrica de Cervejas D'Oeste foi posta à venda em 1896.²⁴ O Bazar Oliveirense foi fechado em 1899.²⁵ O Sanatório Oliveirense findou suas atividades em 1902 (apesar de ter sido reaberto pouco depois, após receber isenções de impostos municipais).²⁶ O Jockey Club Oliveirense, como vimos, deixou de realizar corridas depois de apenas alguns meses de funcionamento. Em 1899, um cronista do jornal *Gazeta de Minas* comparava Oliveira a um deserto onde não se via uma alma viva: “o comércio parado, as ruas abandonadas, os largos as moscas, tudo sem movimento, sem vida”.²⁷ Nas palavras de outro cronista, poucos meses antes, “todos fogem das casas de comércio, como o diabo da cruz”.²⁸

Nessa época, parte importante das relações econômicas da cidade pareciam girar ao redor da subsistência, ainda que tal situação não impedisse de todo a organização de uma pequena economia de mercado, voltada para a comercialização de bens e serviços em troca de pagamentos em dinheiro ou outras formas mais tradicionais de escambo. Conhecida como “cidade de verduras”, dizia-se que rara era a casa em Oliveira que não tinha sua própria horta.²⁹ Além das hortaliças, a criação de animais também integrava essa economia de autossuficiência. Até os princípios da década de 1920, apesar dos melhoramentos urbanos que afetavam a vida da cidade naquele momento, a imprensa de Oliveira noticiaria com alguma frequência a presença de animais no perímetro urbano

²² *Gazeta de Minas*, 13 jan. 1901, p. 1.

²³ *Gazeta de Oliveira*, 30 set. 1888, p. 4; *Gazeta de Oliveira*, 30 set. 1894, p. 4; *Gazeta de Oliveira*, 10 fev. 1895, p. 2.

²⁴ *Gazeta de Oliveira*, 11 out, 1896, p. 3.

²⁵ *Gazeta de Minas*, 29 jan. 1899, p. 1.

²⁶ *Gazeta de Minas*, 16 fev. 1902, p. 1; *Gazeta de Minas*, 25 maio 1902, p. 1.

²⁷ *Gazeta de Minas*, 5 mar. 1899, p. 2.

²⁸ *Gazeta de Oliveira*, 29 jan. 1899, p. 2.

²⁹ *Gazeta de Oliveira*, Oliveira, 5 fev. 1888, p. 1.

da cidade, sempre condenando tais episódios como exemplos de falta de civilidade.³⁰ Tal como aconteceu em outras regiões, também em Oliveira a presença de animais nas ruas centrais da cidade frustrava expectativas simbólicas das elites locais quanto ao progresso e a modernidade imaginadas para a cidade. Em junho de 1913, por exemplo, um artigo no jornal *Gazeta de Minas* queixava-se da presença de cabritos na parte central da cidade, bem em frente ao escritório de eletricidade, em situação percebida como grave contradição, uma vez que impunha elementos bastante tradicionais a um dos principais símbolos de progresso e modernidade da época.³¹ Em junho de 1916, outra queixa do mesmo tipo denunciava animais soltos no centro urbano da cidade. Segundo dizia-se, vacas, bezerras e cavalos assaltavam as hortas e quintais.³² Rigorosamente no mesmo sentido, em abril de 1917, no intuito de chamar atenção dos fiscais da prefeitura, um cronista do *Gazeta de Minas* denunciava a presença de perus nas ruas centrais da cidade.³³

Esse quadro social, urbano e comercial de Oliveira, que conciliava alguns poucos aspectos considerados modernos, com outros tantos vistos como arcaicos e tradicionais, acabou por determinar, em grande medida, o destino não apenas do Jockey Club Oliveirense, mas também de vários outros empreendimentos do mercado de diversões da cidade. Diante da baixa densidade demográfica, da instabilidade econômica e de uma estrutura social predominantemente rural e voltada em grande medida para uma economia de subsistência, iniciativas do ramo do entretenimento não logravam êxito, apesar do relativo empenho com que diferentes grupos tentaram promover ações nesse sentido. As casas de bilhar do Grande Hotel, dos Srs. Andrade Junior e Afonso Bicalho e do Sr. Lindolfo Pinheiro Chagas, inauguradas entre os anos de 1899 e 1892, tiveram vida curta.³⁴ Clubes literários, recreativos e teatrais que surgiram nessa época, como o Club Oliveirense (1889), o Grêmio das Moças (1889), o Club Recreativo Oliveirense (1893), o Club Literário Democrata (1894), o Grêmio Dramático Oliveirense (1894), o Club Literário Recreativo Oliveirense (1896), o Club Literário Oliveirense (1897) e a

³⁰ Cf. *Gazeta de Oliveira*, 10 nov. 1889, p. 1; *Gazeta de Minas*, 20 ago. 1899, p. 1; *Gazeta de Minas*, 28 out. 1900, p. 1.

³¹ *Gazeta de Minas*, 15 jun. 1913, p. 1.

³² *Gazeta de Minas*, 30 jul. 1916, p. 1.

³³ *Gazeta de Minas*, 29 abr. 1917, p. 1.

³⁴ *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 6 jan. 1889, p. 1; *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 18 maio 1890, p. 2; *Gazeta de Oliveira, Oliveira*, 6 nov. 1892.

Sociedade Recreativa (1898), também se limitavam a uma existência efêmera.³⁵ Em 1898, um cronista do jornal *Gazeta de Oliveira* chegou a dizer que era “mais fácil um boi voar” do que existir um clube social ou recreativo em Oliveira. Segundo ele, todos os clubes criados até ali eram extintos simplesmente “por não haver quem os frequente”.³⁶

A falta de diversões em Oliveira – ou pelo menos de determinadas formas de diversão, que eram justamente aquelas reivindicadas pelos grupos das elites locais que escreviam nas páginas do jornal da cidade – frequentemente recebia críticas por meio de artigos neste meio de comunicação. Segundo um desses artigos, “Oliveira é das cidades que conheço, a que menos diversões oferece aos seus habitantes. Não tem um teatro, não tem um passeio público, não tem um ponto de reunião, finalmente, não tem nada que possa distrair o homem trabalhador”.³⁷ Em 1904, no mesmo sentido, um cronista do jornal *Gazeta de Minas* ironizava a situação social da cidade, dizendo ter feito 389.450 “visitas de cumprimentos por motivo de aniversário”. Tudo isso, dizia, apenas por não haver na cidade outras formas de distração que pudessem fazê-lo abandonar “a mania de festejar o aniversário dos outros”, tais como “uma biblioteca, um clube, uma sociedade”.³⁸

Na verdade, diferente do que diziam esses artigos, uma série de divertimentos eram frequentemente organizados na cidade, especialmente bailes domiciliares e festas religiosas. No entanto, essas diversões não atendiam a expectativas dos grupos que podiam expressar suas opiniões e desejos por meio das páginas do jornal da cidade. Esses grupos, identificados com um imaginário urbano e comprometidos com a instalação de novas práticas que lhes pareciam mais de acordo com uma outra e moderna escala de valores, claramente desejavam outras formas de lazer, vistas por eles mesmos como mais adequadas para uma cidade que pretendia se exibir como civilizada. Nesse sentido, uma das poucas exceções para este cenário *percebido* como monótono e carente de diversões parecia ser os espetáculos oferecidos por artistas ambulantes que visitavam a cidade. O repertório de tais artistas era geralmente composto por teatros,

³⁵ Cf. respectivamente, *Gazeta de Oliveira*, 30 jun. 1889, p. 1; *Gazeta de Oliveira*, 30 jun. 1889, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 3 dez. 1893, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 17 jun. 1894, p. 3; *Gazeta de Oliveira*, 9 dez. 1894, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 27 dez. 1896, p. 1; *Gazeta de Oliveira*, 25 jul. 1897, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 12 jun. 1898, p. 1.

³⁶ *Gazeta de Oliveira*, 19 jun. 1898, p. 2.

³⁷ *Gazeta de Oliveira*, 9 abr. 1899, p. 2.

³⁸ *Gazeta de Minas*, 24 jul. 1904, p. 1.

touradas, fantoches, circos, ilusionismo, cinematógrafo e espetáculos musicais, muitas vezes sem distinção clara entre esses gêneros de espetáculos. Entre 1890 e 1900 foram anunciados na imprensa local 33 espetáculos desses tipos, organizados por 28 diferentes grupos itinerantes, numa média de uma visita a cada 3 ou 4 meses.³⁹ Tendo a imprensa da cidade como fonte, é difícil saber o perfil ou a quantidade do público que frequentava tais espetáculos. Não era usual a publicação de informações desse tipo. Todavia, diante do interesse esporádico, mas regular, desses artistas em visitarem a cidade, presumimos que um número de espectadores grande o suficiente para justificar suas presenças costumava comparecer a esses eventos. Só isso viabilizaria os interesses comerciais desses artistas – que eram também empresários, afinal. Em 1910, numa rara referência do tipo, um cronista do jornal *Gazeta de Minas*, comentando apresentações do Circo Mineiro, mencionou “noites de enchentes”, de um circo que teria capacidade “para mais de novecentas pessoas”.⁴⁰

Também não era usual que a imprensa anunciasse o local desses espetáculos. Os poucos registros a esse respeito indicam a improvisação de espaços, apesar da cidade ter contado, entre os fins da década de 1880 e princípios de 1890, com um “sofrível teatrinho”, segundo descrição da imprensa local, mantido por uma associação chamada Sociedade Teatral Oliveirense.⁴¹ Depois de uma solicitação de reparos da Câmara de Vereadores de Oliveira em 1892 para evitar desabamentos, que provavelmente não foi levado a termo, o tal “sofrível teatrinho” foi demolido em 1893.⁴² A Sociedade Teatral Oliveirense, seguindo o destino de várias iniciativas semelhantes na cidade naquele período, provavelmente foi diluída na mesma época. Assim, apenas lugares

³⁹ Cf. *Gazeta de Oliveira*, 14 jan. 1890, p. 3; *Gazeta de Oliveira*, 14 dez. 1890, p. 2; *Gazeta de Minas*, 17 abr. 1892, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 29 maio 1892, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 5 jun. 1892, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 10 jul. 1892, p. 3; *Gazeta de Oliveira*, 4 set. 1892, p. 3; *Gazeta de Oliveira*, 18 fev. 1894, p. 1; *Gazeta de Oliveira*, 6 maio 1894, p. 1; *Gazeta de Oliveira*, 27 maio 1894, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 11 nov. 1894, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 16 dez. 1894, p. 1; *Gazeta de Oliveira*, 30 dez. 1894, p. 1; *Gazeta de Oliveira*, 5 maio 1895, p. 3; *Gazeta de Oliveira*, 16 jun. 1895, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 26 abr. 1896, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 28 jun. 1896, p. 2; *Gazeta de Minas*, 23 ago. 1896, 2; *Gazeta de Oliveira*, 20 set. 1896, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 22 ago. 1897, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 26 set. 1897, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 3 out. 1897, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 20 mar. 1898, p. 3; *Gazeta de Oliveira*, 27 mar. 1898, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 12 jun. 1898, p. 1; *Gazeta de Oliveira*, 21 ago. 1898, p. 1; *Gazeta de Oliveira*, 13 nov. 1898, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 20 nov. 1898, p. 1; *Gazeta de Minas*, 20 ago. 1899, p. 2; *Gazeta de Minas*, 3 jun. 1900, p. 2; *Gazeta de Minas*, 17 jul. 1900, p. 3; *Gazeta de Minas*, 29 jul. 1900, p. 2; *Gazeta de Minas*, 28 out. 1900, p. 2.

⁴⁰ *Gazeta de Minas*, 16 out. 1910, p. 1.

⁴¹ *Gazeta de Oliveira*, 15 jan. 1888, p. 1.

⁴² Cf. *Gazeta de Oliveira*, 13 mar. 1892, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 12 nov. 1893, p. 2.

improvisados estariam à disposição para realização de espetáculos públicos diversos. Já em setembro de 1892, a Companhia de Teatro Automático Alexandre Apparicio realizou espetáculos com 10 bonecos de fantoche no prédio da fábrica de cerveja.⁴³ Em janeiro de 1894, o artista Faure Licolay, auxiliado por suas filhas Rosina e Paula, realizou uma série de trabalhos de ilusionismo e hipnotismo no Salão da Câmara Municipal.⁴⁴ Em julho de 1900, o Salão da Câmara Municipal também sediou um concerto musical do jovem pianista mineiro Carlos Vitor Barrouin.⁴⁵ Em abril de 1898, o maestro Emilio Grossoni e sua esposa, D. Diuletta Dionesi, realizaram concertos musicais em um salão privado, cedido pelo Major Antônio da Silva Campos.⁴⁶

A partir da segunda metade da década de 1900, o quadro social de Oliveira começou a se alterar. Nessa época, registrou-se uma significativa recuperação da produção agropecuária da cidade, além de uma ligeira expansão industrial, quase inteiramente ligada à produção agrícola. Já em 1902 foi inaugurado um engenho beneficiador de café e arroz. Entre 1904 e 1910 foram inauguradas, além de mais um engenho beneficiador de café, uma fábrica de ferraduras, uma de cerveja e duas de manteiga.⁴⁷ Segundo o Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola do Estado de Minas Gerais, em 1910, Oliveira e seus distritos produziram 300 toneladas de manteiga, 120 mil arrobas de café, 50 mil cabeças de gado, além de cereais, aguardente e queijo.⁴⁸

Essa recuperação agropecuária proporcionou novas e mais ocupações para a mão de obra local, ampliando também, por consequência, a atividade comercial da cidade. Embora boa parte da mão de obra agrícola, que era seguramente o setor econômico mais dinâmico da cidade, não necessariamente recebesse salários ou pagamentos em dinheiro por todo o trabalho realizado, pelo menos uma parte desses serviços era remunerado dessa forma, ao menos durante um período do ano, mais usualmente na

⁴³ *Gazeta de Oliveira*, 4 set. 1892, p. 3.

⁴⁴ *Gazeta de Oliveira*, 28 jan. 1894, p. 4.

⁴⁵ *Gazeta de Minas*, 17 jul. 1900, p. 3.

⁴⁶ *Gazeta de Oliveira*, 10 abr. 1898, p.2.

⁴⁷ Cf. respectivamente, *Gazeta de Minas*, 14 dez. 1902, p. 2, p. 1; *Gazeta de Minas*, 18 fev. 1906, p. 1; *Gazeta de Minas*, 6 nov. 1910, p. 1; *Gazeta de Minas*, 11 set. 1914, p. 1; *Gazeta de Minas*, 15 ago. 1909, p. 2; *Gazeta de Minas*, 19 ago. 1906, p. 1.

⁴⁸ Minas Gerais. *Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola do Estado de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Tipografia do Serviço de Estatística, 1913, p. 265-268.

colheita.⁴⁹ Documentos censitários da época citam médias de salários pagos a certas ocupações agrícolas, o que reforça a interpretação de que ao menos uma parte do trabalho no campo era remunerada em dinheiro.⁵⁰ Tudo isso ampliava potencialmente o mercado consumidor para diversos bens e serviços na cidade, entre os quais, o do mercado de diversões. Uma vez que a produção agrícola empregava a maior parte da população, a remuneração do trabalho em dinheiro nesse segmento oportunizava, ao menos em tese, um mercado consumidor maior. Além disso, uma dinâmica econômica mais intensiva gerava impostos para o poder público municipal, o que também ampliava a capacidade de atuação desse setor. Entre 1897 e 1909, a arrecadação dos Impostos de Indústrias e Profissões do município mais que dobrou.⁵¹

Na esteira das pequenas transformações econômicas que se processavam em Oliveira, novos espaços de divertimento logo começaram a ser construídos. O primeiro foi o Hotel Central, de propriedade de um tal Francisco Miranda, inaugurado em 1902.⁵² Entre março e maio de 1906, Miranda instalou um boliche e um pequeno teatro improvisado nas dependências do hotel – denominado Éden Teatro.⁵³ Dois meses após a inauguração desse teatro, ou seja, em julho de 1906, a Câmara Municipal de Oliveira inaugurou outra instalação teatral: o Teatro Provisório Municipal, com capacidade para 600 pessoas.⁵⁴ Assim, Oliveira passou a contar com dois teatros em meados de 1906, após mais de uma década sem nenhum estabelecimento desse gênero na cidade. A situação, entretanto, não parece ter ampliado as ofertas comerciais de diversão na cidade. A julgar pelas propagandas publicadas nos jornais da cidade, no período de aproximadamente 16 meses entre maio de 1906 e dezembro de 1907, o Éden Teatro recebeu apenas os espetáculos de três grupos de artistas itinerantes: o ventríloquo Arysti Wilson, a Companhia Luso Brasileira e um conjunto de três artistas líricos (Antonio

⁴⁹ Cf. LIMA, João Heraldo. Café e indústria em Minas Gerais no início do século: algumas observações. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 8, n. 2, 1978. Sobre a remuneração do trabalho agrícola em outras regiões, ver CASTRO, Hebe Maria da Costa Mattos de. *Ao sul da história: lavradores pobres na crise do trabalho escravo*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 183; CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

⁵⁰ Minas Gerais, 1926, vol. II e III, passim.

⁵¹ Cf. *Gazeta de Oliveira*, 10 out. 1897, p. 3; *Gazeta de Minas*, 5 dez. 1909, p. 2.

⁵² *Gazeta de Minas*, 16 nov. 1906, p. 1.

⁵³ *Gazeta de Minas*, 18 mar. 1906, p. 1; *Gazeta de Minas*, 10 jun. 1906, p. 1.

⁵⁴ *Gazeta de Minas*, 1 jul. 1906, p. 1.

Franzoso, Maria Franzoso e Eurico Costa).⁵⁵ No mesmo período, o Teatro Provisório Municipal parece ter recebido dois espetáculos realizados pelo Grupo Teatral Instrução e Recreio, fundado em Oliveira em abril de 1907, além de espetáculos da mesma Companhia Luso Brasileira (que estivera pouco antes no Éden Teatro), bem como do cinematógrafo falante da empresa Tiradentes, de propriedade de um tal Carlos Leal.⁵⁶ Obviamente, espetáculos podem ter se realizado sem que notícias ou propagandas fossem publicadas na imprensa local. Ausência de evidência, afinal, não equivale a evidência de ausência. De todo modo, é pouco provável que situações desse tipo pudessem ter sido muito frequentes. Considerando análises disponíveis sobre a história do lazer em outros pontos de Minas Gerais nesse período, é razoável supor que a frequência média de visitas de grupos itinerantes ou eventos artísticos de grupos locais acontecesse a cada dois, três ou quatro meses.⁵⁷

Ao que parece, em 1909, o Éden Teatro, no Hotel Central, já não mais funcionava, assim como o Grupo Teatral Instrução e Recreio também já não mais existia. Todavia, o Teatro Provisório Municipal seguiu funcionando, concentrando, dessa forma, toda a oferta comercial de espetáculos de cinema, teatro e outras variedades daí em diante – fossem organizados por grupos itinerantes ou por artistas amadores da cidade. Entre os espetáculos ofertados nesse Teatro Provisório Municipal em 1909, aparecem os da empresa cinematográfica Faleiro & Cia., os da Companhia de Variedades de Clemente Pace e Ferreira Zico, além de festivais literários e dramáticos organizados por grupos de “distintas moças” de Oliveira.⁵⁸ Em conjunto, sempre tomando anúncios publicados na imprensa de Oliveira como fonte, tratava-se de algo um pouco mais frequente do que era habitual até ali, mas ainda esporádico e eventual.

Este cenário só veio a ser modificado com a inauguração do primeiro cinema fixo de Oliveira, que representou, de fato, a possibilidade da oferta comercial regular e constante de diversões, independente de espetáculos organizados por artistas itinerantes

⁵⁵ *Gazeta de Minas*, 27 maio 1906, p. 1; *Gazeta de Minas*, 10 jun. 1906, p. 1; *Gazeta de Minas*, 17 mar. 1907, p. 1.

⁵⁶ Cf. *Gazeta de Minas*, 22 jul. 1906, p. 2; *Gazeta de Minas*, 9 set. 1906, p. 1; *Gazeta de Minas*, 7 abr. 1907, p. 1; *Gazeta de Minas*, 11 out. 1907, p. 1.

⁵⁷ Cf. AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237-261, 2017.

⁵⁸ *Gazeta de Minas*, 14 fev. 1909, p. 1; *Gazeta de Minas*, 25 abr. 1909, p. 1; *Gazeta de Minas*, 27 jun. 1909, p. 1; *Gazeta de Minas*, 8 ago. 1909; *Gazeta de Minas*, 29 ago. 1909, p. 1.

ou amadores da cidade.⁵⁹ O Cinema Oliveirense, iniciativa do empresário Augusto Sabino da Trindade, que arrendou o Teatro Provisório Municipal, além de ter comprado fitas diversas e um aparelho de projeção da marca Pathé de uma empresa do Rio de Janeiro, foi inaugurado na véspera do natal de 1909.⁶⁰ Nos primeiros anos de funcionamento do cinema, o empresário introduziu uma série de melhoramentos ali. Em março de 1910, realizou a “reconstrução do teatro”, com a introdução de “amplas e confortáveis acomodações”.⁶¹ Em abril do mesmo ano, foi montado um café.⁶² Em fevereiro de 1912, foram implantados um coreto e um jardim.⁶³

Buscando ampliar as oportunidades de exploração comercial das diversões da cidade, entre 1913 e 1915, Augusto Sabino da Trindade inaugurou ainda dois novos estabelecimentos: o Salão do Ponto e o Café da Oeste, que possuíam, entre outras coisas, bilhares e mesas para jogos de carta.⁶⁴ Proprietário de três das principais casas de diversões de Oliveira, Augusto Sabino da Trindade logo passou a ser chamado pela imprensa da cidade como “o Paschoal Segreto oliveirense”.⁶⁵

De fato, nessa época, o cinema de sua propriedade foi retratado como a principal casa de diversões da cidade, exibindo não apenas filmes, mas também outros gêneros de espetáculos, como fora comum nos primórdios do cinema.⁶⁶ Entre 1917 e 1920, espetáculos de artistas itinerantes ou de grupos dramáticos locais foram encenados ao menos 17 vezes no palco desse cinema (sendo 14 itinerantes e 3 de amadores locais).⁶⁷

⁵⁹ Desde antes, bares e botequins já funcionavam diariamente, às vezes oferecendo, além da comida, bebida e oportunidades para sociabilidades, jogos, apresentações musicais e até exposições de arte (Cf. *Gazeta de Minas*, 7 nov. 1915, p. 1; *Gazeta de Minas*, 16 jan. 1916, p. 1). Todavia, diversões nesses ambientes geralmente não cobravam ingressos, atenuando, assim, seu caráter propriamente comercial.

⁶⁰ *Gazeta de Minas*, 19, dez. 1909, p. 1.

⁶¹ *Gazeta de Minas*, 13 mar. 1910, p. 1.

⁶² *Gazeta de Minas*, 3 abr. 1910, p. 1.

⁶³ *Gazeta de Minas*, 11 fev. 1912, p. 2.

⁶⁴ *Gazeta de Minas*, 12 set. 1915, p. 1; *Gazeta de Minas*, Oliveira, 1 jan. 1916, p. 2.

⁶⁵ *Gazeta de Minas*, 2 mar. 1913, p. 1. Paschoal Segreto foi empresário de destaque no ramo dos divertimentos no Rio de Janeiro desde os últimos anos do século 19. Ver MARTINS, William de Souza Nunes. *Paschoal Segreto: ‘ministro das diversões’ do Rio de Janeiro (1883 - 1920)*. Rio de Janeiro: Autografia, 2014.

⁶⁶ Para uma síntese atual sobre história do cinema no Brasil, ver RAMOS, Fernão Pessoa; SCHVARZMAN, Sheila (Orgs.). *Nova história do cinema brasileiro*. 2 vols. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

⁶⁷ Cf. *Gazeta de Minas*, 7 jan. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 22 jul. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 9 set. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 16 dez. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 6 out. 1918, p. 1; *Gazeta de Minas*, 6 out. 1918, p. 1; *Gazeta de Minas*, 14 dez. 1919, p. 1; *Gazeta de Minas*, 2 fev. 1920, p. 2; *Gazeta de Minas*, 2 maio 1920, p. 2; *Gazeta de Minas*, 20 jun. 1920, p. 2; *Gazeta de Minas*, 18 jul. 1920, p. 1; *Gazeta de Minas*, 15 ago. 1920, p. 1;

Além disso, havia ainda as exibições de filmes. No início, a periodicidade das exibições de filmes era de ao menos uma vez por semana. Com o tempo, tal frequência parece ter aumentado para ao menos uma exibição todos os dias.

Em 1915, porém, a imprensa de Oliveira noticiava o baixo movimento do cinema, o que teria justificado a diminuição da quantidade e da frequência das sessões, “após anos de funcionamento diário”, diziam.⁶⁸ Nessa época, em todo o país, depois de um grande desenvolvimento entre 1911 e 1913, houve uma crise comercial do cinema, que só seria plenamente superada por volta de 1920. Circunstâncias econômicas adversas, especialmente à alta do câmbio, associadas a uma diminuição aguda da exportação de filmes europeus, cujos países sofriam os efeitos da Primeira Guerra Mundial, alteraram os modos de funcionamento do mercado de exibição de filmes no Brasil.⁶⁹

A quantidade e a periodicidade das sessões de cinema pareciam depender, antes de tudo e como é presumível, da disposição do público em assistir aos filmes exibidos. Tais disposições poderiam ser condicionadas por um conjunto bastante diverso de fatores, desde limitações financeiras para compra de ingressos, até interesses puro e simples nos filmes que eram exibidos. Parecia existir uma estreita relação entre a disposição do público em ir ao cinema e o volume ou diversidade de filmes exibidos. Quanto maior a oferta de filmes novos, maiores as chances de ter boa adesão do público, interessado, mais que tudo, ao que parece, em assistir novidades. Sempre que os programas passavam a ser repetitivos, a quantidade de público e de sessões tendia a diminuir. O fenômeno não era novo, tampouco restrito aos cinemas.⁷⁰ Em 1894, quando o Circo do Sr. Barros prolongou sua estadia em Oliveira mais que o habitual, artigos na imprensa local se apressaram em criticá-lo, sugerindo que encerrasse logo seus espetáculos, uma vez que o repertório dos artistas parecia esgotado, sem mais condições, portanto, de satisfazer o público local.⁷¹ No cinema, do mesmo modo, quando os trens vindos do Rio de

Gazeta de Minas, 14 nov. 1920, p. 1; *Gazeta de Minas*, 12 dez. 1920, p. 2; *Gazeta de Minas*, 18 fev. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 12 jan. 1919, p. 1; *Gazeta de Minas*, 16, maio 1920, p. 2.

⁶⁸ *Gazeta de Minas*, 10 out. 1915, p. 1; *Gazeta de Minas*, 31 out. 1915, p. 1; *Gazeta de Minas*, 10 out. 1915, p. 1; *Gazeta de Minas*, 14 nov. 1915, p. 1.

⁶⁹ SIMIS, Anita. *Estado e cinema no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 66-67.

⁷⁰ Sobre as predileções do público por novidades em vários gêneros de entretenimento popular em outras regiões do Brasil, ver Dias, op. cit.

⁷¹ XAVIER, Rosana Daniele. Respeitável público, o circo chegou! Uma análise da apropriação dos espetáculos circenses no Oeste de Minas Gerais (1888-1930). In: AZEVEDO, Lemos Mota de;

Janeiro chegavam em Oliveira sem filmes novos, fosse porque os contratos não previam envio mais frequente, fosse por quaisquer outros problemas logísticos, a imprensa da cidade falava então de uma frustração dos interesses comerciais do empresário Augusto Trindade – apenas reforçando o quanto a oferta de novidades era importante para esse ramo de negócios.⁷²

Afora o gosto do público por novidades, que já marcava as predileções populares nos entretenimentos e espetáculos desde o século 19, havia ainda limitações relacionadas ao perfil e ao tamanho do mercado consumidor de Oliveira, com um público potencial relativamente pequeno, dado as próprias dimensões demográficas da cidade, além dos altos índices de analfabetismo da população local (que era de 74% em 1920, contra 79% da taxa média de Minas Gerais e 65% da taxa média nacional).⁷³ Segundo estudos recentes de cientistas sociais, tanto no Brasil quanto em outros países, tamanho potencial do mercado consumidor é um dos óbvios fatores mais relevantes para a dinamização de uma economia da cultura, o que inclui, além da disponibilidade financeira para aquisição de bens culturais, formação de gosto e disposições para tais consumos, onde a escolarização desempenha um papel importante.⁷⁴ É bastante provável que tais condicionantes se apliquem também ao passado.

No contexto de Oliveira, além de considerar o gosto popular por novidades, o cinema precisava ainda sincronizar suas exibições com outros divertimentos da cidade, especialmente os circos itinerantes, a fim de não coincidirem os horários, minimizando, assim, concorrências entre si. Quando havia um circo na cidade, o cinema tendia a antecipar os horários das suas sessões de filmes, aparentemente supondo já que não haveria mercado consumidor suficientemente grande para sustentar simultaneamente duas formas diferentes de lazer e entretenimento.⁷⁵ Além disso, um espectador não

FERREIRA, José Heleno; PIRES, João Ricardo Ferreira e ANJOS, Carlos Martins Versiani dos (Orgs.). *História e memória do Centro-Oeste Mineiro: perspectivas*. Divinópolis: EdUEMG, 2018, p. 195.

⁷² *Gazeta de Minas*, 14 jan. 1917, p. 1.

⁷³ Cf. Minas Gerais, 1926, v. II, p. 298 e 326.

⁷⁴ Cf. TOWSE, Ruth (ed.). *A textbook of cultural economics*. New York: Cambridge University Press, 2010; BOTELHO, Isaura. *Dimensões da cultura: políticas culturais e seus direitos*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016; MACHADO, Ana Flávia; PAGLIOTO, Barbara. Perfil dos frequentadores de atividades culturais: o caso nas metrópoles brasileiras. *Estudos Econômicos*, v. 42, p. 701-730, 2012; DINIZ, Sibelle C.; MACHADO, Ana Flávia. Consumo de bens e serviços culturais nas metrópoles brasileiras uma análise a partir de dados da POF. *Políticas Culturais em Revista*, v. 2, p. 62-79, 2009.

⁷⁵ *Gazeta de Minas*, 10 jun. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 19 ago. 1917, p. 1.

necessariamente assistiria um mesmo filme mais de uma vez, o que reforça a importância econômica da oferta frequente de filmes novos.

Nesse contexto, possibilidades de aquisição e exibição frequente de filmes novos era mesmo um fator crucial para o sucesso comercial desse ramo de negócios. Não sem razão, portanto, em 1916, a imprensa de Oliveira noticiou com certo entusiasmo contratos firmados entre Augusto Trindade e o Cinema Parisiense, do Rio de Janeiro; além de contratos com Coronel Gomes Nogueira, apresentado como “o primeiro empresário de cinemas no Estado de Minas Gerais”.⁷⁶ Conforme registrou um cronista anônimo do jornal *Gazeta de Minas*: “que isto quer dizer, que teremos agora frequentes exibições de magníficas películas”.⁷⁷ De fato, depois disso, com as novas remessas de fitas, o público parece ter voltado ao cinema da cidade, animando, então, exibições mais frequentes. Já em junho daquele ano, as sessões do cinema voltaram a ser diárias. No mês seguinte, apenas reforçando as relações entre a exibição de novidades e a disposição do público em pagar por ingressos, seriam já duas sessões noturnas diárias, todos os dias da semana.⁷⁸

A intensificação das atividades do Cinema Oliveirense ocorreu no momento em que a cidade experimentava uma ampliação das atividades agropecuárias. Há uma clara coincidência temporal entre os dois fenômenos. Muito provavelmente a circulação de capitais gerados pelos negócios agrícolas acabou por ampliar as oportunidades comerciais também dos setores urbanos. De certo modo, o lucro dos negócios rurais direta e indiretamente ajudava a financiar uma série de reformas, construções e ações modernizadoras no espaço urbano de Oliveira, incluindo àqueles dedicados a oferta comercial de lazer para parte da população local.

No correr da década de 1910, Oliveira passou a conviver com um considerável crescimento da produção industrial, agrícola e pastoril. Segundo dados da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, em 1920 foram recenseados no município 1.892 estabelecimentos produtores de milho, feijão, arroz, laticínios, café, cana de açúcar, açúcar, aguardente, mandioca, farinha, tapioca, polvilho, lã, algodão, mamona, fumo, batata, madeira, mel, cera, fibras, raízes, resinas, além de um rebanho de quase 110 mil

⁷⁶ *Gazeta de Minas*, 20 fev. 1916, p. 1.

⁷⁷ *Gazeta de Minas*, 18 jun. 1920, p. 1.

⁷⁸ *Gazeta de Minas*, 11 jun. 1916, p. 1.

cabeças de gado e aves (diante de uma população de quase 35 mil habitantes).⁷⁹ Na indústria, o município possuía um total de 13 estabelecimentos dedicados ao beneficiamento de café, arroz e charque, além de curtume ou fábricas para fiação, produção de tecidos, cerâmica, artefatos de ferro, aço e outros metais.⁸⁰ Na virada da década de 1910, a exportação de Oliveira alcançou a marca de 4.149 toneladas de charque, 1.800 toneladas de café, 750 toneladas de milho, 200 toneladas de cascas para curtumes, 175 toneladas de polvilho, 120 toneladas de arroz, 40 toneladas de manteiga, 20 toneladas de fumo, 15 toneladas de toucinho, 3 toneladas de feijão, além de 1.500 quilômetros de tecidos e 4.000 dúzias de ferraduras.⁸¹

Essa atividade comercial, quase inteiramente ligada à setores agropecuários, foi acompanhada, ou talvez mesmo permitida, por um considerável crescimento demográfico, especialmente na sede do município, cuja população saltou de aproximadamente 4.000 pessoas em 1890, para quase 12.000 em 1920. Desse total, 60% residiam, em 1920, em áreas rurais.⁸² Basicamente, foi o crescimento da população rural que forneceu a mão de obra necessária para os estabelecimentos agropecuários que movimentavam a economia e a nova dinâmica demográfica da cidade. Em 1920, dos 10.553 moradores do município de Oliveira que declararam suas profissões, 71% (7.551) diziam trabalhar diretamente na “exploração do solo”, isto é, em outras palavras, plantando, colhendo e ordenhando.⁸³

Nesse contexto de crescimento populacional e intensificação das atividades econômicas da cidade, comércios e serviços tiveram que aprimorar suas estruturas para melhor atender as novas demandas. Em 1919 denunciava-se a falta de moradias em Oliveira. Segundo um artigo do jornal *Gazeta de Minas*, “o problema da habitação já vai se tornando um caso sério. Com o sensível acréscimo de nossa população tornaram-se insuficientes as nossas moradias. Houve um acréscimo nos alugueis e mesmo assim não

⁷⁹ Cf. Minas Gerais, 1926, vol. III, passim.

⁸⁰ Ibidem, p. 262-270.

⁸¹ Ibidem, p. 767.

⁸² Em 1920, a população de Oliveira era de 34.791 moradores, divididos da seguinte forma: Oliveira (sede do município), 11.876, Sant'Ana do Jacaré, 2.814, Carmo da Matta, 6.974, São Francisco de Paula, 5.642, Japão, 7.455. Minas Gerais, 1926, vol. II, p. 851 e 911.

⁸³ As demais profissões declaradas e o número de trabalhadores recenseados no município foram: 1.541 na indústria, 465 no comércio, 338 no serviço doméstico, 207 de profissão mal definida, 201 de profissões liberais, 166 no transporte, 39 na extração de minerais, 21 que vivem de suas rendas, 13 na administração pública e 11 na administração particular. Cf. Minas Gerais, 1926, vol. II, p. 444.

existe uma única casa vazia”.⁸⁴ Em 1920, 79 casas comerciais e depósitos, além de 22 negociantes ambulantes, contribuíram com o Imposto de Indústrias e Profissões da cidade – a maioria concentrada na sede do município, posto que a arrecadação ali foi quase o dobro do segundo principal distrito contribuinte (Carmo da Mata).⁸⁵ Nessa época, um cronista do jornal *Gazeta de Minas* já podia dizer, sem medo do exagero, que as alfaiatarias, barbearias e casas comerciais das ruas centrais de Oliveira, davam “a impressão das grandes cidades”.⁸⁶

Os novos empreendimentos agropecuários e o crescimento populacional de Oliveira desdobraram-se numa série de ações das autoridades políticas em equipar melhor o espaço urbano da cidade, incluindo alguns novos locais para o lazer. Para tanto, as autoridades políticas contaram com aumento das receitas, que cresceram aproximadamente 70% entre 1909 e 1920, depois de terem mais que dobrado entre 1897 e 1909.⁸⁷ Entre 1906 e 1914, foi inaugurado o serviço de iluminação elétrica, além de terem sido construídos ou reformados um matadouro, um posto meteorológico, um hospital, um fórum e um teatro.⁸⁸ Em 1917, por meio de doações, quermesses e outras atividades para arrecadação de fundos, uma pequena comissão de políticos viabilizou a construção de um jardim público. O local logo se transformou em ponto privilegiado para algumas diversões da cidade, tais como patinação, peteca ou apresentações de bandas de música.⁸⁹ No mesmo ano, um novo teatro com capacidade para até 250 pessoas foi inaugurado nas dependências do grupo escolar da cidade. O novo espaço serviu então a espetáculos musicais e teatrais realizados por estudantes, grupos de amadores locais e artistas itinerantes.⁹⁰

⁸⁴ *Gazeta de Minas*, 20 jul. 1919, p. 1.

⁸⁵ *Gazeta de Minas*, 7 nov. 1920, p. 2.

⁸⁶ *Gazeta de Minas*, 25 jul. 1920, p. 1.

⁸⁷ *Gazeta de Minas*, 5 dez. 1909, p. 2; *Gazeta de Minas*, 7 nov. 1920, p. 2.

⁸⁸ Cf. *Gazeta de Minas*, 1 set. 1907, p. 2; *Gazeta de Minas*, 17 mar. 1912, p. 1; *Gazeta de Minas*, 4 jan. 1914, p. 2; *Gazeta de Oliveira*, 1 nov. 1914, p. 1.

⁸⁹ Cf. *Gazeta de Minas*, 25 fev. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 5 dez. 1915, p. 1; *Gazeta de Minas*, 15 abr. 1917, p. 2; *Gazeta de Minas*, 22 abr. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 15 abr. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 27 maio 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 8 abr. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 27 maio 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 8 abr. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 13 maio 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 6 abr. 1919, p. 2; *Gazeta de Minas*, 6 jun. 1920, p. 2; *Gazeta de Minas*, 23 maio 1920, p. 2; *Gazeta de Minas*, 16 maio 1920, p. 2.

⁹⁰ Cf. *Gazeta de Minas*, 1 abr. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 27 maio 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 9 set. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 2 dez. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 7 jan. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 4 mar. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 25 maio 1919, p. 1; *Gazeta de Minas*, 22 jun. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 24 ago. 1917,

Além dos melhoramentos urbanos introduzidos pelo poder público, indivíduos ou grupos particulares também tentaram promover ações modernizadoras na cidade. Em 1910, foi inaugurada, no pavimento térreo do edifício municipal, com mais de mil volumes de livros, a biblioteca Vigário Jose Theodoro. A construção da biblioteca foi iniciativa dos sócios do Elite Club Oliveirense, associação recreativa fundada naquele ano e que se manteve ativa ao menos até meados de 1915, período em que organizou, além dessa biblioteca, bailes, piqueniques e palestras literárias.⁹¹ Em 1916, as sócias dos clubes Graçia y Fuerza e Éden Club Esportivo, formados por estudantes da Escola Nossa Senhora de Oliveira, introduziram um “ground” de basquete na cidade, onde realizaram, ao menos até outubro daquele ano, partidas diárias do esporte.⁹² Ainda em 1916, homens e rapazes dos estratos sociais mais elevados da cidade, incluindo estudantes, advogados, comerciantes, engenheiros e políticos, criaram um clube de futebol, o Oliveira Sport Club. Intensificando o número de jogos e torneios de futebol na cidade, logo novos clubes surgiram: o Scratch Acadêmico Comercial (1916), o Scrath Comercial (1919), o Acadêmico (1919), o Oliveirense (1920), o Operario Foot Ball Club (1920) e o Sport Club Comercial (1920).⁹³

Entre 1915 e 1919, um bar, um café, uma confeitaria, um salão para exercícios físicos e duas charutarias seriam também inaugurados por empresários locais, oferecendo aos seus clientes comidas, cervejas, vinhos e outras bebidas finas, além de bilhares e até uma sala para leitura de jornais estrangeiros.⁹⁴ Um desses estabelecimentos, o Café Club, chegou a se apresentar pomposamente em propagandas dos jornais locais como um dos cafés mais “chiques” e “smarts” do interior mineiro.⁹⁵ Todas essas lojas ficavam na Rua Direita, localizada no centro da cidade. O local chegou a ser comparado

p. 1; *Gazeta de Minas*, 28 set. 1917, p. 1; *Gazeta de Minas*, 1 ago. 1920, p. 1; *Gazeta de Minas*, 24 out. 1917, p. 1.

⁹¹ Cf. *Gazeta de Minas*, 24 abr. 1910, p. 1; *Gazeta de Minas*, 6 fev. 1910, p. 1; *Gazeta de Minas*, 3 abr. 1910, p. 1; *Gazeta de Minas*, 27 nov. 1910, p. 1; *Gazeta de Minas*, 7 jul. 1911, p. 1; *Gazeta de Minas*, 5 jul. 1914, p. 1; *Gazeta de Minas*, 17 out. 1915, p. 1.

⁹² *Gazeta de Minas*, 10 set. 1916, p. 1; *Gazeta de Minas*, 22 out. 1916, p. 1; *Gazeta de Minas*, 19 nov. 1916, p. 1.

⁹³ AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; COUTO, Euclides de Freitas. “Um festin obscuro”: pertencimento clubístico e expansão socioespacial do foot-ball em Oliveira, MG (1920-1930). *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 1-19, 2017.

⁹⁴ *Gazeta de Minas*, 27 fev. 1915, p. 1; *Gazeta de Minas*, 12 set. 1915, p. 1; *Gazeta de Minas*, 31 out. 1915, p. 1; *Gazeta de Minas*, 21 abr. 1918, p. 1; *Gazeta de Minas*, 13 abr. 1919, p. 2.

⁹⁵ *Gazeta de Minas*, 23 fev. 1918, p. 1.

com a Rua Ouvidor, do Rio de Janeiro, famosa pela oferta de bens de consumo de luxo.⁹⁶ A comparação entre a Rua Direita, de Oliveira, e a Rua Ouvidor, do Rio de Janeiro, revela tanto o dinamismo cultural que ia afetando a cidade rural de Minas Gerais e as percepções de alguns de seus habitantes, quanto as ambições modernizadoras que animavam parte de suas elites. Em grande medida, afora os óbvios interesses econômicos, eram ambições simbólicas radicadas no desejo de se equiparar a centros urbanos maiores e mais desenvolvidos um dos fatores que animavam esforços empresariais, associativos ou governamentais em favor da organização e oferta de diversões em Oliveira.

Outra inauguração empresarial em Oliveira na época foi o Hipódromo Coronel Xavier, que sediava corridas de cavalo e jogos de futebol, contando com arquibancadas, casa de apostas e uma filial do Bar Saxônia, representante de uma fábrica de cerveja de Barbacena (cidade há cerca de 150 quilômetros de Oliveira).⁹⁷ Apesar da principal responsabilidade pela construção do hipódromo ter sido atribuída pela imprensa da cidade ao médico Alexandrino Chagas, a organização das primeiras corridas no local, que contava já com jóqueis de outras cidades e até de outro país, como era o caso do argentino Rogério Primogel, “já habituado no Prado de corridas de Palermo”, segundo diziam, coube a um grupo de agricultores e pecuaristas do município (dentre eles, os fazendeiros Olinto Diniz, Afonso Lobato, Acácio Ribeiro e Orosimbo Ribeiro).⁹⁸ É digno de nota que o nome do hipódromo fizesse referência ao Coronel Manoel Antônio Xavier, capitalista, fazendeiro e presidente da Câmara Municipal, além de proprietário do primeiro beneficiador de café e arroz da cidade (inaugurado em 1902). Em Oliveira, espaços e atividades capazes de oferecer oportunidades de consumo ligado ao universo urbano, na prática, era viabilizada com os capitais e com o empenho de proprietários de negócios rurais.

⁹⁶ Cf. NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1993.

⁹⁷ A partida inaugural do Oliveira Sport Club, primeiro clube de futebol da cidade, ocorreu justamente neste hipódromo. Cf. *Gazeta de Minas*, 9 jul. 1916, p. 1.

⁹⁸ Para referências ao médico, ver *Gazeta de Minas*, 21 maio 1916, p. 2. Sobre o envolvimento dos fazendeiros, Cf. *Gazeta de Minas*, 3 out. 1915, p. 1; *Gazeta de Minas*, 7 nov. 1915, p. 1. Sobre a participação do jóquei argentino, ver *Gazeta de Minas*, Oliveira, 12 set. 1915, p. 1.

3. Considerações finais

Ao longo das duas primeiras décadas do século 20, a cidade de Oliveira foi palco de uma pequena ampliação e diversificação das modalidades de lazer e dos estabelecimentos comerciais para o entretenimento da população. A inauguração de bares, cafés, charutarias, bilhares, teatros, hipódromos, clubes recreativos e um cinema, mais que a simples ampliação do repertório de atividades de lazer disponíveis à população local, sinalizava também o nascimento de um mercado de diversões. Os traços gerais de uma sociedade tipicamente rural, orientada, portanto, para e pela produção de produtos agropecuários, de forma alguma impediram o desenvolvimento de um mercado de diversões. Com efeito, o contrário mesmo parece ter ocorrido. O pequeno mercado de diversões de Oliveira, por mais precário e inconstante que fosse, era em grande medida o resultado da expansão econômica de atividades de produção rural, típico de uma sociedade ainda pouco urbanizada.

Todavia, o surgimento de um mercado de diversões não é um desdobramento inevitável de crescimento econômico – seja agenciado pela produção agropecuária ou por qualquer outro setor. Mais que isso, é necessário também um esforço deliberado de atores locais, que precisam compartilhar interesses por atividades culturais desse tipo, além de enxergarem oportunidades de lucro na exploração comercial dessas iniciativas. Nesse sentido, a iniciativa de empresários e políticos para oferecer novas diversões também revela o evidente desejo desses grupos em introduzir no cotidiano da cidade práticas que estivessem conectadas a um ideal de modernidade e sofisticação comportamental. Como bem sintetizou um artigo do jornal *Gazeta de Minas*, de 1907, “os passeios públicos, os teatros, os cafés, etc., são elementos da vitalidade de um povo. Cidade sem estes complementos é uma roça”.⁹⁹ Nesse discurso, inteiramente de acordo com valores sociais que predominaram desde então, o mundo rural, isto é, a roça, assumia uma conotação negativa, a despeito de ser esse desprezado universo uma das principais fontes da riqueza que garantiria os desejados melhoramentos urbanos.

Com efeito, interesses econômicos envolvidos na comercialização de diversões não eram necessariamente incompatíveis com ambições simbólicas de exibição pública de *status* ou distinção. Sob os valores que presidiam ações e mentalidades de vários grupos

⁹⁹ *Gazeta de Minas*, 3 nov. 1907, p. 1.

de elite da época, a simples organização de práticas de entretenimento em conformidade com uma economia de mercado, onde o dinheiro fosse o critério fundamental de acesso ao consumo desses serviços, representava já, em si mesmo, sinais de uma sociedade *up-to-date*. Assim, utilizadas como recursos simbólicos para realizar expectativas imaginárias a respeito do grau de modernidade e civilização de uma cidade, a comercialização de diversões servia, a um só tempo, como recurso cultural e econômico, servindo como fonte de renda para empresários que ofereciam tais serviços, ao mesmo tempo em que dramatizava a inserção de uma cidade nas redes de uma moderna economia de mercado. Nesses termos, a história do lazer em tais condições, tal como outros aspectos da vida social brasileira do período, combinava dimensões aparentemente contrastantes: o trabalho rural com o consumo de serviços urbanos ou a moradia no campo com as fruições de diversões na cidade.

Recebido em: 13 de Novembro de 2018.

Aprovado em: 18 de Fevereiro de 2019.